



Livro redimensiona a trajetória de Nora Ney. Por trás da cantora conhecida como intérprete de canções de fossa, havia uma artista engajada que lutava contra o machismo da sociedade brasileira desde os anos 1950. Páginas 2 e 3

A VOZ

inconformista

DA SOFRÊNCIA



Nora Ney

Muito além da dor de cotovelo

AFFONSO NUNES

Ninguém Me Ama”, “De Cigarro em Cigarro” e “Bar da Noite” e “Só Louco” foram canções que marcaram época na música brasileira. Poucos, porém, sabem quem foi sua intérprete original. Esse desconhecimento é reflexo do apagamento que a cantora Nora Ney sofreu: suas músicas sumiram do ar e seu nome desapareceu da memória coletiva. Um dossiê organizado por Raphael Fernandes Lopes Farias vem justamente para corrigir essa lacuna, trazendo à tona aspectos pouco conhecidos de uma artista que foi muito mais do que a voz grave que eternizou o samba-canção melancólico, aquelas músicas de dor de cotovelo ou, para os mais jovens, o avô da sofrência. O país a amava e parava diante de um aparelho de rádio para ouvi-la nos anos 1950. Com seu timbre grave, a artista brilhava gravando composições de Lupicínio Rodrigues, Dorival Caymmi, Ataulfo Alves e Antônio Maria, grandes autores da fase que antecedeu o advento da bossa nova.

O livro “Dossiê Nora Ney: Uma Voz Poética e Política, 100 Anos” (Garota FM Books) terá lançamentos em São Paulo nesta quinta-feira (4) e na próxima segunda (8) na Livraria Travessa Ipanema com sessões de autógrafos e debates. O projeto reúne textos de nove pesquisadores, jornalistas e acadêmicos que exploram dimensões pouco documentadas da vida e obra da artista quer destoava das cantoras de sua geração.

Iracema de Sousa Ferreira, nome real de Nora Ney, nasceu em 1922 em Olaria. Começou sua carreira artística tarde, aos 29 anos, em 1952. Mas quando chegou, chegou com força. Sua voz grave e contralto se tornou sinônimo de samba-canção melancólico, aquele repertório de “fossa” que marcava as noites das boates cariocas. “Ela inovou o tempo

Nora Ney foi um estrela da era do rádio com uma vida atribulada envolvendo violência doméstica, divórcio litigioso, ativismo político e perseguição pelo regime militar após o golpe militar de 1964



Nora Ney enfrentou machismo e perseguição política por suas posturas ousadas para a época

inteiro e tinha um jeito de cantar diferente”, afirma o pesquisador.

“Ela tinha um estilo próximo ao estadunidense. Inclusive, ela

começou na rádio cantando o repertório em inglês. Ela trazia um modo de cantar mais próximo ao microfone e sussurrava alguns

trechos”, disse o pesquisador em entrevista à Rádio Nacional. O estilo de Nora Ney, para ele, pode ser compreendido como samba-

-canção ou mesmo um “sambolero”. “Na década de 1950, sobretudo, boa parte da produção que é chamada de samba-canção

“Eu não devo nada à internet”

Zeca Pagodinho abre o coração no Rio2C, em painel sobre cultura, família e nostalgia

PEDRO SOBREIRO

Neste sábado (6), Zeca Pagodinho vai ao Maracanã para dar início a uma turnê mais do que especial para os fãs do samba raiz. Ao lado de Alcione e Jorge Aragão, Zeca vai rodar o país ao longo de 2026 com apresentações que vêm atraindo grande interesse popular, dada a relevância dessa trindade para a cultura brasileira.

Na reta final de maio, o sambista foi reconhecido na Câmara Municipal de Duque de Caxias, que protocolou um Projeto de Lei para reconhecê-lo como Embaixador da Cultura de Duque de Caxias. No PL proposto pela vereadora Fernanda Costa (MDB), a honraria se dá como “reconhecimento da inestimável contribuição do sambista à cultura brasileira e, em especial, à sua forte ligação com o município”. O projeto ainda passará por votação, mas já é quase garantido que será aprovado. Além de músico consagrado, Zeca é um grande incentivador da cultura e educação no município por meio do Instituto Zeca Pagodinho, escola de capacitação artística e cultural para jovens da região.

Na última quinta-feira (28), durante um painel abarrotado de gente no palco principal do Rio2C, um dos maiores eventos de criatividade da América Latina, Zeca foi tema de uma conversa leve sobre sua vida, carreira e sobre suas saudades. A sala ficou cheia para ouvir o que sambista tinha a dizer. E Zeca, é claro, falou sobre sua ligação com Xerém.

“Parece que quando eu não vou lá [Xerém], eu fico doente. Eu sinto todas as dores do mundo. Sem Xerém, eu não tenho nada. Nada, nada. Tenho minha casa lá. Hoje deve ter 23 caixas de cerveja, mais umas cinco de vinho, refrigerante pras crianças. Aí eu chego e chamo um amigo ou outro, ficam no quintal, montam no cavalo, enfim, aí dá almoço pra todo mundo. Meus amigos vão tudo pra lá. A comida lá de fora é uma, lá de dentro, a da Mônica, é estrogonofe, essas coisas, né? Lá de fora é galinha com quia-



Divulgação

Em conversa no Rio2C, Zeca Pagodinho revelou-se uma pessoa avessa às tecnologias trazidas pela internet e disse que sequer possui whatsapp

Lantejoulas (e aplausos) para 'Dolores'



Mujica Saldanha/Divulgação

Alguma dúvida de que a roleta aí na foto vai endividar a personagem Dolores, defindida com brilho por Carla Ribas?

Com reatores nucleares de boa atuação como Carla Ribas, Naruna Costa e Gilda Nomacce, o longa 'Dolores' tempera o melodrama brasileiro com tintas de sororidade numa São Paulo muito pouco conhecida

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Quicando graciosamente pelo mundo, de festival em festival, desde San Sebastián, na Espanha, lá em setembro, até Roterdã, na Holanda, em janeiro, "Dolores", de Maria Clara Escobar e de Marcelo Gomes, vai, enfim, estreia entre nós. Às 20h desta terça-feira, essa pérola vai passar na telona do Estação Net Gávea, a preparar terreno para seu lançamento comercial. O elenco - com participação da diva Zezé Motta - vai estar na sessão, com a dupla por

trás da realização e a produtora Sara Silveira.

Tomada pela emoção na saída da primeira projeção internacional da produção, realizada em terras espanholas, Carla Ribas contou ao Correio da Manhã que recebeu do amigo cineasta Chico Teixeira (1958-2019), pouco antes de ele serenar, uma versão de base do roteiro que contagiou a mostra Horizontes Latinos do Festival de San Sebastián, no ano passado. Foi em parceria com esse realizador, em 2007, que a atriz carioca, antes só conhecida por trabalhos no teatro, teve a chance de protagonizar "A Casa de Alice", com o qual conquistou um merecido Troféu Redentor na Première



Rodrigo Fonseca

Maria Clara Escobar e Marcelo Gomes em San Sebastián

Brasil. Dele vieram convites (para a TV e os palcos) e elogios da crítica, diante do que muitas resenhas definiram como a "atuação de uma vida". Há gente falando disso dela uma vez mais, ao fim das exhibições de "Dolores", que concorreu no Festival do Rio de 2025.

"Revisitar o Chico foi muito importante desde o começo. Li umas duas ou três versões que ele me mandou. Depois que ele não teve como filmar, o Marcelo e a Maria Clara trouxeram um trata-

mento novo com detalhes que homenageiam o Chico. Ele está com a gente", disse a atriz ao Correio da Manhã em Donostia, nome da cidade em basco e euskera, a língua local. "Uma das vantagens de ser atriz é a gente se colocar nas circunstâncias das nossas personagens", refletiu a estrela em resposta à plateia do Kursaal.

Dez anos atrás, seu querido Chico venceu o Kikito de Melhor Filme do Festival de Gramado com "Ausência", no qual

trabalhou com Gilda Nomacce, diva do cinema indie que, como Ribas, é um reator nuclear de inquietação dramática. As duas trabalham agora sob a batuta de Maria Clara e Gomes, que também dirigiu Carla na minissérie "Máscaras de Oxigênio (Não) Cairão Automaticamente", hoje na HBO MAX. No filme dessa dupla de cineastas, San Sebastián riu, ficou tenso e chorou peripécias da vendedora de roupas íntimas Dolores, que chega aos 65 anos assolada pelo vício em jogo. Não por acaso, seu projeto para o futuro é abrir um cassino, apoiada em um sonho premonitório de êxito. As visões que tem não a livraram de perder muita coisa, entre elas o apreço de sua única filha, a também comerciante de lingerie Deborah (Naruna Costa, um vulcão na tela). Ela suspeita de que seu pai morreu de desgosto com a dependência de Dolores, sua companheira, em apostas. Já Duda é mais compreensiva com a avó. Trabalha numa loja de armas, atira bem à beça e sonha em se mudar para os EUA, a fim de poder aproveitar a vida com mais conforto.

"Esse filme fala de uma São Paulo de uma classe média baixa trabalhadora. Num mundo em que o trabalho define a nossa identidade, essas mulheres definem que trabalho querem para si", disse Maria Clara ao Correio. "São mulheres periféricas que desejam mudar de vida. A gente queria muito filmar em Parelheiros porque é uma São Paulo diferentes, que tem mata, que tem rio. A menção ao Paraguai é um modo de discutir a ideia do sonho possível, que se constrói ao cruzar uma fronteira, num simbolismo de liberdade. Essas mulheres querem ser livres".

A fotografia de Joana Luz e a atuação estonteante de Roney Vilella como Bigode, o quase namorado de Dolores são trunfos a mais do longa. "Eu faço cinema de personagens. Meus personagens é que direcionam toda a narrativa. Antes de fazer cinema, eu tinha um cineclubes. Lá, eu fiz da cinefilia a minha escola. As referências cinéfilas que adquiri nessa época seguem habitando minha mente. Logo, quando vou contar uma história, os elementos de cinema de gênero aparecem, mas, antes de tudo, aparece o personagem. O que eu busco no meu cinema é contar a história como o meu personagem diz que ela tem que ser contada", explicou Marcelo ao Correio da Manhã ao levar "Dolores" a uma mostra paralela de Roterdã, onde integrou o júri oficial. "Ouvi um comentário ótimo sobre esse filme: 'Ele é uma ode à lantejoulas'. Fomos por aí mesmo, pelo colorido, e Chico ia gostar. Suas cores revisitam a noção que a gente faz da classe média baixa a partir do desejo de viver, da alegria".



Focus Blumhouse

Pelo olhar de Inde Navarrette, dá pra notar que tem algo de muito sombrio em seu sorriso apaixonado em 'Obsessão'

Medo que obceca... e dá lucro

Em meio à renovação das estética do macabro, 'Obsessão' vira um dos fenômenos de maior rentabilidade do ano, ao criar uma metáfora das relações tóxicas à luz do Demônio

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Para onde se olhe, no circuito brasileiro, a cinefilia nacional tem uma assombração pra chamar de sua, incluindo uma produção paulistana de vampiros, "Love Kills", com sessão apenas às 12h, no Shopping Tijuca. Depois que o terror ganhou Oscars em múltiplas frentes, em 2026, na estreia de "A Hora do Mal" ("Weapons") e de "Pecadores" ("Sinners"), nada mais justos do que o gênero estourar no consumo, mobilizando as bilheteria. É possível que nenhum exemplar do gênero alcance receita tão surpreendente quanto a de "Obsessão" ("Obsession"), um horror de gelar a espinha, que custou (pasmem!) US\$ 750 mil.

Esse valor, na América Latina, é carnaval, mas, em Hollywood, é o troco do pão. Pelo valor de um mariola, seu realizador, o ator Curry Barker, construiu uma narrativa apavorante que vende igual pão quente e bateu a marca de US\$ 100

milhões de 15 a 29 de maio. Seus números só crescem, e fazem justo a lógica de sua produtora, a Blumhouse, de Jason Blum. "Eu faço filmes que estão abaixo da linha hollywoodiana padrão de investimento para que eu possa ousar sem margem de risco. Dessa forma eu posso garantir que todos os meus filmes possam encontrar espaço em sala de exibição, sem pular etapas. Essa é a minha filosofia", disse Blum ao Correio da Manhã, ao ser homenageado no Festival de Locarno, com um troféu em honra de seu histórico de êxitos comerciais, renovado com "Obsessão" de Curry.

"Eu busco encontrar parceiros que trabalhem da maneira como Todd Phillips fez 'Se Beber, Não Case' ou 'Coringa', que não são meus, mas eu admiro. Ele filmou por US\$ 50 milhões, chegando no máximo a US\$ 70 milhões. Fez por esse valor uma série de projetos que, em outras mãos, excederiam muito esse valor pelas estruturas atuais do cinema. Eu filmo barato ideias que ninguém faria. Costumo fazer filmes de horror que tenham um componente de diversão, de humor, de



Divulgação

O psicopata de 'Acampamento Miasma', ganhador da Queer Palm em Cannes



'Love Kills', em cartaz só no Shopping Tijuca, traz vampiros nacionais

irônica, como se vê em 'Corra!' e em 'Nós', de Jordan Peele, que eu adorei produzir, ou em 'O Homem Invisível'. Gosto que os filmes tenham camadas, e uma delas é a da diversão, mas eles precisam assustar".

Com a pesada concorrência de "Michael" e "Mandaloriano e Grogu", "Obsessão" chegou aos cinemas

Desejos), artefato capaz de realizar desejos. Ao quebrar o objeto e pedir para conquistar o coração da garota, desejando que ela seja sua para sempre, Bear aparentemente consegue aquilo a que almejava. O problema é que a realização de sua vontade vem acompanhada de consequências perturbadoras, a começar pelo olhar vítreo... quase macabro... de Nikki, a passar as madrugadas parada no escuro e a se mexer e a falar de modo satânico. Feito um sintagma das paixões tóxicas, o enredo mostra como uma relação amorosa vira um pesadelo sangrento marcado por possessão emocional, paranoia e degradação física.

O longa nasceu a partir do sucesso underground de Curry Barker na internet, em especial com o curta "Milk & Serial", que chamou atenção pelo uso criativo do suspense psicológico em ambientes cotidianos. "Obsessão" investe sagazmente em jumpscars tradicionais (sustos que a gente somatiza com gelo na barriga) ao mesmo passo que explora a deterioração emocional das personagens, criando uma atmosfera desconfortável, que cresce progressivamente. Exibido no Festival de Toronto de 2025, esse terror passou também pelo Fantastic Fest e venceu o Grande Prêmio do Público no Festival de Sitges, principal vitrine mundial do cinema fantástico. O desempenho do casal central é estu-pendo.

Fora "Obsessão", o terror bate ponto em nosso circuito com "Hokum: O Pesadelo Da Bruxa", "Backrooms: Um Não-Lugar" e "Passageiro Do Mal", que também é de amolecer as pernas de medo. Sua trama narra a viagem de van de um casal, que presencia um acidente rodoviário fatal. A partir daí, uma entidade demoníaca passa a persegui-los pelas estradas.

Sobre o supracitado "Love Kills", sua direção é assinada pela produtora Luiza Shelling Tubaldini, de sucessos como "O Concurso" (2013) e "Motorrad" (2017). O pavimento da dramaturgia é a graphic novel homônima de Danilo Beyruth. Coroado com o prêmio de Melhor Som na Première Brasil, o longa passou pelo Festival de Sitges, em solo espanhol, e vai agora flana pelo Festival de Bruxelas. Sua trama, de tintas existencialistas, rola num centro de São Paulo devastado pelo crack. Na maior metrópole do país, uma jovem vampira, Helena, frequenta um estranho café na metrópole, cativando um garçom ingênuo. À medida que ele descobre os segredos dela e o submundo da cidade, ele é atraído para um mundo perigoso de intrigas.

No dia 13 de agosto, estreia aqui "Acampamento Miasma: Adolescência, Sexo e Morte" ("Teenage Sex and Death at Camp Miasma"), o vencedor da Queer Palm de Cannes, dirigido por Jane Schoenbrun. Gillian Anderson, a Dana Scully de "Arquivo X", vive a presa de um Jason homofóbico numa desconstrução de fórmulas e de preconceitos.



Divulgação



Divulgação

Pulsões da vida

Com curadoria de Marcelo Rezende, exposição reúne 26 artistas em mostra sobre desejo e resistência na Fábrica Bhering

Os trabalhos dialogam com desejo, afetos, transformação e intensidade. Há peças que transitam entre o íntimo e o político, entre o orgânico e o simbólico

AFFONSO NUNES

A Galeria Dobra/Artnova abre nesta sexta-feira (5) a exposição “Pulsar”, durante o Circuito Bhering. Com curadoria de Marcelo Rezende, a mostra reúne 26 artistas em torno de um conceito: a pulsão de vida em sua forma mais crua — o impulso que move, resiste e insiste.

Os trabalhos travessam temáticas como desejo, afetos, transformação e intensidade. Há peças que transitam entre o íntimo e o político, entre o orgânico e o simbólico. A proposta é pensar a arte como campo de energia vital, manifestação de forças que atravessam o corpo, a cidade e os modos de existência contemporâneos.

A curadoria parte de uma premissa psicanalítica: a pulsão de vida (Eros) busca a união e a preservação, opondo-se à pulsão de morte (Thanatos). Criar, nessa lógica, é

uma forma de libido. O gesto, a matéria e a imagem funcionam como resistência diante do esgotamento e da anestesia cotidiana.

Entre os artistas estão Adriana Montenegro, Aline Sampin, Ana Luiza Mello, Andrea Pentead, Beatriz Mardine, Benjamin Rothstein, Bruno Castaing, Carlomagno, Chris Jorge, Dany F, Danielle Castaing, Gloria Conforto, Gloria Seddon, Jasmina Di Monaco, Jérôme Poignard, Lalin Witch, Lucia Bianconi, Luís Teixeira, Marcelo Rezende, Marcela Wirá, Mônica Moreira, Paulo Amorim, Priscilla Ramos, Ricardo Bhering, Sergil e Valéria Bragança.

SERVIÇO

PULSAR

Galeria Dobra/Artnova (Fábrica Bhering — Rua Orestes, 28, 2º andar, Santo Cristo) | De 6 a 27/6, às quintas e sextas (12h30 às 17h) e sábados (10h às 18h) | Entrada franca

